



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a  
sessão de encerramento da Cúpula Social do Mercosul**

**Foz do Iguaçu-PR, 16 de dezembro de 2010**

Meu caro companheiro Fernando Lugo, presidente do Paraguai,  
Excelentíssimo companheiro presidente do Uruguai, José Mujica,  
Meu caro amigo presidente da Guiana, Jagdeo,  
Meu caro amigo presidente do Suriname, Bouterse,

Nosso companheiro vice-presidente da Colômbia – e é importante  
lembrar que o companheiro vice-presidente da Colômbia há pouco tempo era  
dirigente sindical, como vocês, da CUT da Colômbia.

Quero cumprimentar o meu companheiro ministro-chefe da Secretaria-  
Geral da Presidência da República, o companheiro Dulci, e cumprimentando o  
Dulci eu quero cumprimentar a todos os meus companheiros ministros que  
estão aqui presentes,

Companheiros ministros de Relações Exteriores presentes,

Ministros da Economia, ministros do Desenvolvimento, presidentes dos  
Bancos Centrais,

Companheiros e companheiras integrantes das comitivas estrangeiras  
aqui presentes,

Companheiros e companheiras representantes do Movimento Social do  
Mercosul e do Programa Mercosul Social e Participativo,

Companheiros da imprensa,

Meus amigos e minhas amigas,

Tem uma folha a mais no meu discurso aí. É com grande prazer que  
participo da Cúpula Social do Mercosul, em sua décima edição. Coube ao  
Brasil a honra de lançar esta iniciativa, em 2006. Nossa presença aqui hoje —



dos presidentes e movimentos sociais — é sinal de que todos almejamos maior participação da sociedade na construção de um Mercosul ainda mais democrático, cidadão e solidário.

Nossa aspiração é potencializada pelo momento especial que vive a América do Sul, região que atravessa sua fase histórica mais promissora em décadas. Nesta conjuntura favorável, temos amplas perspectivas para levar adiante um processo de desenvolvimento com justiça social e bem-estar.

Desfrutamos de situação econômica e política privilegiada. Em meio a uma das mais graves crises econômicas da história, a América do Sul revela-se como importante polo irradiador de dinamismo. Enquanto os países do mundo chamado “desenvolvido” sofrem com o baixo crescimento econômico e índices de desemprego elevados, nós chegamos ao final de 2010 com taxas de crescimento especialmente altas para os países membros do Mercosul, que deverão variar, segundo a Cepal, de 7,7 para o Brasil, até 9,7 para o Paraguai. A América Latina e Caribe crescerão em média 6% em seu conjunto, bem acima da média mundial, que deverá rondar por volta dos 3,5%. Estima-se que esse bom desempenho seja mantido nos próximos anos. Ao mesmo tempo, alcançamos nível de maturidade política que nos tem permitido avançar na consolidação da democracia em nossas sociedades.

O projeto de integração regional, com o Mercosul no centro desse processo, devemos, em grande medida, nossa maior autonomia econômica em relação aos grandes centros capitalistas. Ela nos tem protegido da crise. Mas o bom desempenho econômico estará sempre sujeito às oscilações da conjuntura internacional. Mesmo que seja a face mais visível da integração, não será, necessariamente, a mais duradoura.

Para adquirir consistência e permanência no tempo, o processo de integração precisa apoiar-se em valores e aspirações comuns, que permeiem os diferentes segmentos de nossas sociedades.



Por isso, devemos continuar trabalhando por um Mercosul cada vez mais democrático, cada vez mais legítimo e cada vez mais social. Foi nesse espírito que, em 2003, assinei, junto com Néstor Kirchner, o “Consenso de Buenos Aires”, inspirado na ideia de que o Mercosul, para sobreviver, precisava ser apropriado pelas sociedades de nossos países. Não seria possível... É bom, de vez em quando, vocês baterem palmas porque assim eu bebo água. Senão eu vou ficar aqui seco...

Não seria possível manter o vigor da integração somente com base em ações dos estados e governos, por mais convergentes e motivadas que sejam. Desde então, reforçamos, significativamente, a participação social dentro da estrutura do Mercosul, com destaque para a Cúpula da Costa do Sauípe, na Bahia, há dois anos, quando criamos a Comissão de Coordenação de Ministros de Assuntos Sociais e o Instituto Social do Mercosul.

Naquela ocasião, pela primeira vez, ministros da área social participaram da reunião do Conselho do Mercado Comum, a fim de dar os primeiros passos em direção a um Plano Estratégico de Ação Social para o Mercosul. No âmbito desse Plano, estabelecemos metas regionais de desenvolvimento mais ambiciosas do que os Objetivos do Milênio das Nações Unidas. Para a consecução desse Plano serão adotadas políticas sociais comuns entre os quatro membros do Mercosul representando um esforço inédito de coordenação.

Criaremos, nesta Cúpula, a Unidade de Participação Social, que facilitará a comunicação entre representantes da sociedade civil e as diferentes instâncias do Mercosul, além de assumir os trabalhos preparatórios das cúpulas sociais. Perfeita sintonia entre o Presidente e “el pueblo”. Criaremos ainda um fundo de financiamento específico para apoiar as atividades da Cúpula e nela promover maior participação social.

Devemos trabalhar constantemente pela democratização dos nossos mecanismos de decisão e tornar o Mercosul um projeto cada vez mais de



todos. Nesse sentido, já caminha o Parlamento do Mercosul. Vejo com satisfação que, ainda durante o exercício brasileiro da Presidência *Pro Tempore*, e tendo o senador Aloizio Mercadante à frente do Parlamento Regional, foi possível alcançar acordo sobre o tamanho das bancadas nacionais necessário para o pleno funcionamento do órgão. Essa conquista, de amplo significado político, implicará a eleição direta, por todos os países do bloco — como já faz o Paraguai — de “Parlamentares do Mercosul”. Provocaremos uma revolução na mentalidade e percepção dos cidadãos de nossos países sobre o significado do Mercosul. Fomentaremos o debate de ideias, além de firmar uma identidade regional “Mercosulina” no imaginário coletivo de nossas sociedades. Ô gente, vocês não vão bater palmas para a palavra Mercosulina? Foi um trabalho, foi um trabalho grande para encontrar uma marca registrada para nós aqui e vocês não perceberam. Vocês pensaram que era insulina, é “mercosulina”.

Estamos difundindo o projeto de integração regional em novas frentes e incorporando diferentes atores sociais. Na esfera acadêmica, comemoraremos - aqui também eu quero palmas - comemoraremos importante realização, que é a Universidade da Integração Latino-Americana, a Unila. Ela acabou de entrar em funcionamento, bem aqui em Foz do Iguaçu, em instalações cedidas pela Binacional Itaipu. Essa universidade reúne professores e alunos de toda a América Latina dedicados a estudar o projeto de integração regional em seus mais variados aspectos, tais como o Direito, Engenharia, Telecomunicações, Energia e questões políticas e sociais. Além de formar profissionais comprometidos com esse projeto, a Unila constituirá polo regional de reflexão baseado na experiência própria da população local.

O plano de ação para um Estatuto da Cidadania do Mercosul, que estaremos em breve adotando, contempla conjunto de ações para os próximos dez anos. Trabalharemos, nesse período, pela consolidação dos direitos dos cidadãos dos Estados-Partes em áreas como facilitação de trânsito, controle de



fronteiras, harmonização de identificações, simplificação de trâmites para equivalência de estudos e sistema de informações veiculares. A sistematização desse amplo leque de atividades pavimentará o caminho para o reforço de nossa identidade comum.

Todas essas conquistas do Mercosul só foram possíveis graças ao clima de entendimento, de confiança e de verdadeira fraternidade entre nós. Foi fundamental, sobretudo, o apoio e a mobilização das organizações populares e dos mais diversos movimentos sociais - ainda não. Sabemos da importância da solidariedade e da justiça social, para que a prosperidade e a liberdade política sejam, de fato, a porta de entrada dos nossos povos em uma nova etapa de sua história.

É com esses valores que estamos construindo um novo Mercosul, o Mercosul dos povos. Companheiros e companheiras, eu, ao terminar o meu discurso institucional, eu quero dizer duas palavras aos meus companheiros amigos presidentes que estão aqui, aos meus companheiros representantes do Movimento Social, aos ministros aqui presentes, e aos companheiros do Movimento Social, aos estudantes, sobretudo da Unila. É muito importante que a gente não perca de vista o que nós já conquistamos. Não foi pouca coisa. Nós precisamos analisar as nossas conquistas no tempo da história. E oito ou dez anos do que aconteceu na América do Sul é quase nada, se nós imaginarmos que há 200 anos quase todos os países da América do Sul conquistaram a sua independência, uma parte da Espanha e nós, brasileiros, de Portugal, e que mesmo conquistando a independência nós não éramos independentes, hora ficamos subordinados aos Estados Unidos, hora ficamos subordinados aos interesses ingleses, hora ficamos subordinados a interesses comerciais com os países ricos. E somente quando tivemos coragem de dizer que nós queríamos valer a conquista da nossa independência e queríamos ser donos das nossas decisões é que nós conseguimos vencer alguns obstáculos que pareciam intransponíveis.



Hoje parece fácil. Eu digo sempre que quando a gente é criança ou adolescente, que a gente chega em casa e a mãe coloca um prato de comida para a gente, na mesa, quentinho, e a gente começa a reclamar que não tem tudo o que a gente queria naquele prato, a gente não lembra o sacrifício que foi fazer aquele prato, a gente não pergunta se tinha dinheiro para comprar os condimentos para colocar naquele prato, a gente não se preocupa nem se a mãe da gente queimou o dedo ao tirar uma panela do fogão.

A gente precisa ter compreensão do que era a nossa América do Sul há dez anos. Há dez anos, os presidentes dos nossos países disputavam apenas o direito de ver quem era mais amigo dos presidentes dos Estados Unidos. Quem seria convidado a ir a *Camp David* passar o final de semana ou quem seria convidado para uma palestra na Europa ou quem o FMI tratava melhor. E que o Mercosul tinha sido jogado na lata do lixo e que proposta da Alca se apresentava como a salvação da América do Sul, porque iríamos ter por detrás uma potência como os Estados Unidos para comprar os produtos produzidos aqui na nossa querida América do Sul. Na época, não foram muitos os que tiveram coragem de levantar as vozes contra a Alca, mas foram, exatamente, aqueles que a gente poderia chamar de sectários, aqueles que a gente poderia chamar de esquerdistas, era um padre na igreja, era um sindicalista na porta de fábrica, era um pessoal dos Sem Terra em um outro lugar, as pessoas que começavam a gritar que não era possível a gente se subordinar a um acordo de livre comércio tendo como mola mestra os Estados Unidos. Porque, na verdade, os Estados Unidos não queriam fazer um acordo com a América do Sul. O acordo era com o Brasil, que era um grande país produtor, o que tinha a maior tecnologia. E quando a gente perguntava: os Estados Unidos vão fazer com a América do Sul o que a União Europeia fez com os países pobres como Grécia, Espanha e Portugal? Eles vão conseguir dinheiro para alavancar o desenvolvimento de infraestrutura? Ele vai ajudar no desenvolvimento tecnológico? Ele vai colocar dinheiro para tornar os países mais iguais? Não.



Ora, isso, por si só, fazia com que nós radicalizássemos e fôssemos contra a Alca. Mas mais importante, companheiros e companheiras, mais importante era que os Estados Unidos ofereciam, como grande nação econômica, aos países aqui, vantagens que nós não poderíamos oferecer. Um comércio privilegiado com isenção de algumas coisas e, ainda hoje, temos acordos feitos com vários países e nós não temos nada contra. O que nós achávamos é que era preciso criar condições entre nós de todos ganharmos um pouco, para que a gente aprendesse o gosto, o sabor de que nós somos capazes de fazer as coisas que serão boas para os nossos povos. E, hoje, a gente olha para a União Europeia, a gente olha para os países ricos, e a gente percebe como seria bom se eles olhassem para nós e vissem como nós conseguimos fazer do Mercosul um centro de desenvolvimento extraordinário para os países que compõem o Mercosul.

Eu tenho certeza que nós não sentimos saudades do comércio de trás, porque um país como o Brasil tem que assumir a responsabilidade, como economia maior deste continente, de criar as condições de os países menores economicamente se sentirem confortáveis na relação com o Brasil. Não é bondade, é apenas compreensão de que a paz nesta parte do mundo, de que a paz neste continente não tem preço e que a gente fará qualquer coisa para que a paz permeie a ação de todos nós.

Aqui, aqui não falamos em bomba nuclear, aqui não falamos em guerra. Aqui, quando muito, temos umas greves, de vez em quando, contra nós, não é, Pepito e Lugo? Mas a greve faz parte da democracia. Então, como nós, quando éramos oposição, ficávamos falando em greve, greve, greve, greve... No Brasil a gente gritava: "Greve geral derruba general". Eu não sei como é que o Pepe gritava na cadeia, como é que o Lugo fazia o sermão dele, como é que o Jagdeo fazia, ou seja, cada um de nós tinha um jeito de fazer o discurso.

O dado concreto é que nós conseguimos consolidar uma relação política que eu diria quase invejável. Ainda falta muito, ainda falta muito, nós



precisamos criar mecanismos de decisões entre nós, mecanismos que possam julgar as controvérsias entre os países. Ainda falta muito, mas avançamos de forma extraordinária, avançamos de forma extraordinária. No G-20 os sindicalistas não podem participar com os presidentes, como vocês estão participando aqui, não. Lá, para um presidente chegar... um dirigente sindical chegar perto de nós... O Kevin está aqui, que era primeiro-ministro da Austrália e agora é ministro das Relações Exteriores, também do sindicato. Ele sabe que de vez em quando os sindicatos só tinham eu e ele como referência, aí depois chegou Cristina. E eles entregavam papelzinho para nós, com muito sacrifício, para a gente poder divulgar.

A OIT só participa do G-20 porque nós fizemos intervenção para a OIT participar. Porque ali, ali, trabalhador não é uma figura muito conhecida, é só no resultado do PIB, mas a discussão de como resolver o problema, não é. E, aqui, qual é a conquista de vocês? Esse é um legado que é uma conquista de vocês e que vocês não podem perder. Qualquer que seja o presidente que vier, e eu digo pela minha presidente, que tomará posse no dia 1º de janeiro: ela vai ser igual ou melhor do que qualquer um de nós aqui, porque ela tem, na sua origem, o sonho de conquista da democracia.

Por isso, meus queridos companheiros e companheiras, eu, nessa última reunião que participo com vocês, sendo o presidente da República do Brasil, eu saio satisfeito. Quero dizer para vocês do meu... do meu carinho, dos meus agradecimentos, porque nós vamos continuar nos reunindo. Eu, certamente, em outros momentos, estarei só reunido com vocês e não estarei reunido com meus companheiros. Mas prometo nunca falar mal dos meus companheiros e nem fazer pauta de reivindicação exagerada, serei muito comedido.

Mas eu queria dizer uma coisa para vocês, companheiros e companheiras: nós não temos o direito de perder o que nós conquistamos. Nós ainda não conquistamos tudo, eu sei que tem muitas críticas. Mas é importante





saber onde que a gente estava e onde a gente chegou. É como se a gente estivesse nadando e a gente estivesse um pouquinho acima da metade do rio e a gente sentisse cansaço e a gente pensasse em voltar. Nós não temos o direito de voltar, nós temos que seguir em frente, construindo este extraordinário Mercosul.

Então, meus companheiros e companheiras, do fundo do meu coração, muito obrigado. Muito obrigado por tudo que vocês nos ensinaram a fazer, porque, muitas vezes, se não fossem os gritos de vocês, se não fossem as passeatas de vocês, se não fossem as bandeiras de vocês, muitas vezes, quem sabe, o dirigente pudesse esquecer que vocês existiam.

Acho que é exatamente esse comportamento que vocês têm, de cooperação, sem perder a autonomia, sem perder a soberania dos movimentos sociais, que não podem ser correia de transmissão nem de governo e nem partidos, mas ser correia de transmissão dos interesses da sociedade civil que vocês tão bem representam.

Viva o Mercosul e viva a Cúpula Social!

(\$211 A)